

TODO O POMAR



Gedanheiro, 1945. Óleo, 122 x 35

Entra-se nesta grande retrospectiva agora patente na Gulbenkian – pintura, escultura, desenho, gravura – como quem entra numa festa. Quero abracciar tudo com os olhos ao mesmo tempo – o que nunca esquecerá, como ele próprio disse há dias o que a memória alterara um pouco, o que ali há de novo – e

não consigo evitar (e para quê evitá-la?) uma pessoalíssima emoção: vi nascer tudo isto (a festa), vi nascê-lo, ao artista. O catálogo regista e Pomar não o esqueceu (milagre!) que, como ele próprio disse há dias, a dar por ele, num artigo publi-

cado na *Seara Nova* em 1945, intitulado «O princípio dum grande pintor?». Eu e, de outro modo, afinal mais alguém, pois já Almada – só agora o sei – lhe comprara um quadro (estímulo nada disciplinante para quem estava no princípio dos princípios). Embora lhe tenha vindo a prestar

o mau serviço de fazê-lo expor no Salão de Arte Moderna, que era o único que havia, é bem verdade, mas tinha o pequeno inconveniente de pertencer ao SPN, oficialíssimo organismo do chamado «Estado Novo»...

UM GRANDE PINTOR

Esta importante retrospectiva não é a resposta à minha pergunta formulada, com alguma prudência e muita esperança, há mais de trinta anos. Essa está dada há muito. Foi dada bem pouco tempo depois e até hoje constantemente repetida, não só em Portugal como noutros meios mais exigentes, como o de Paris, onde o artista vive (trabalha) há bastante tempo. Mas é a sua confirmação global e definitiva: nunca a sua obra fora assim reunida, de ponta a ponta e em tão boas condições (os parabéns habituais ao arquitecto Sommer Ribeiro), ainda que, dum ponto de vista tão abundante e sobretudo tão variada, por vezes tão desconcertante como a de Pomar, toda a amostragem seja escassa. E, se o achamos, é porque nela tudo nos interessa, a uma mais certa fase, a outros, outra ou outras. É porque tudo nela, desta maneira ou doutra, connosco se prende.

Aliás os organizadores da exposição tiveram perfeita consciência disso porque o deixaram bem claro na introdução ao catálogo: «...lamentamos que algumas telas fundamentais não possam ser expostas – umas por impossibilidade de as obter por motivos que nos transcendem, outras, por falta de compreensão de alguns dos seus actuais proprietários». Mas concluem muito bem: «Todavia, mesmo com essas lacunas, consideramos ser esta exposição do real valor para apreciação da actividade deste artista, ao longo de trinta e seis anos». E sem dúvida o é.

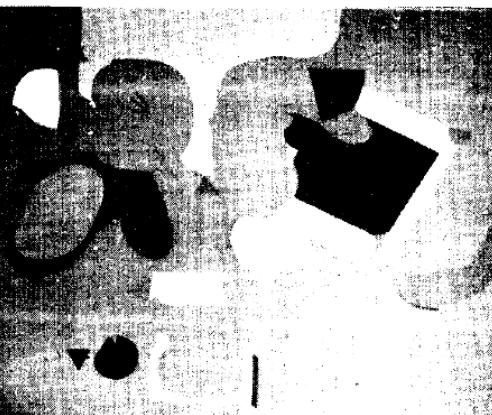
O tal artigo que o mesmo catálogo generosamente não esqueceu escrevera-o eu a propósito dumha exposição colectiva de trabalhos feitos numa missão estética de férias no Alentejo, entre os quais os de Pomar indiscutivelmente se impunham. E começava assim: «Chama-se Júlio Pomar e é um jovem, mesmo muito jovem, magrinha, calado, destes que falam mais com os olhos do que com a boca, e que conheci aproximadamente há três anos, quando pôs, pela primeira vez, os seus trabalhos perante o público num quartito ali para a rua do Alecrim, do que fizera atelier com alguns cam-

radas».

Não sei como fui chamar «do Alecrim» à rua das Flores... Mas o resto estava certo. Os camaradas eram Vespeira, Fernando Azevedo e alguns mais que de momento não me ocorre. E Pomar, além de franzino e todo medido para dentro, mudo como rocha, que era já outra a sua maneira de falar, «tinha nessa altura», como então escrevi, «ao que suponho, dezasseis anos e ele próprio me confessou que não havia um ano que pintava». O que fará compreender o meu espanto, ao ver que a sua «obra» já contava «duas fases»... E a verdade é que assim era. Já mastigara o seu Van Gogh e alguns aspectos de Picasso, à mistura com certas experiências de

ciopoliticamente tudo isso representava. Esses quadros que devemos considerar, se não me engano muito, o arranque do nosso neo-realismo no domínio da pintura.

Que havia neles muito (mas não tanto, em todo o caso, como isso) de Orozco ou de Siqueiros – ainda não de Portinari – não o negaria ele, de certo, que nunca teve medo nem vergonha de submeter-se – prova suprema de desafio – à influência dos grandes: os mexicanos então e algum norte-americano (o Benton, que nunca engoli), logo a seguir Portinari, mais tarde Goya, Ucello, Ingres, Rauchenberg (?), Chardin, sem jamais esquecer talvez esse mestre do desenho-antes-e-através-de-tudo, que se



O Banho Turco, 1970. Acrílico, 130 x 162

tinha muito engrossada com areia que não me agradaram muito, senão no que revelavam do espírito de pesquisa.

UMA PRESENÇA INCONFUNDÍVEL

Três anos depois, sempre magrinha e silencioso – eu receava pela sua saúde, – tanto trabalhara e tanto tinha para dizer e, como ainda hoje, para buscar, que chegara áquela relação da exposição de 45, com uns três ou quatro quadros que me pareceram enormes para um pintor de compleição que eu julgava muito débil, três ou quatro quadros – i.ão me lembro ao certo de quantos eram, mas lembro bem o equilíbrio dinâmico da composição, o à-vontade do desenho, a firmeza da pincelada larga, a altitude corajosa que so-

chama Picasso. O que, em Pomar como em todos os grandes (ver o mesmo Picasso) foi sempre e só uma espécie de diálogo ou de medir de forças, um cobiçoso ver como é e logo adeus que por aqui me sirvo. E sempre procedendo, com o talento que se sabe e tanta authenticidade que, visitando esta retrospectiva do princípio para o fim ou do fim para o princípio, nas telas ou nos desenhos, nas esculturas ou nas ilustrações, nesta obra com tantas fases ou faces diferentes, algumas delas aparentemente inconciliáveis, saltos mortais (como se chama aos saltos perigosos em que o acrobata nunca morre), é sempre o mesmo Pomar que realmente encontramos. O mesmo modo de interrogar ou afirmar, de se afirmar interrogando.

Continua na pág. 4

Mário Dionísio

Todo o Pomar

Continuação da pág. 3



Lota, 1958. Óleo, 119 x 179

Sempre alguém que voluntariamente atravessava regiões e cidades diferentes sem deixar de ser profundamente o mesmo. Que é, já se sabe, a máxima e trivial ambição de qualquer artista, mas que exige uma natureza ou uma consciência interior que não se compra, não se fabrica, não se simula. Que se tem ou não tem. Que, como poucos, Pomar indiscutivelmente tem.

FASES E FASES DIFERENTES

Durante anos, precisamente os da sua formação — os das primeiras fases — convivemos muito. Mais velho dez anos — o que parecia muito quando ele tinha dezasseste e eu vinte e sete, já com alguma coisa publicada, razoavelmente aplaudida e igualmente combatido —, mal o «descobri» não mais o larguei.

Mas não era um convívio de café nem de projectos vagos. No atelier é que, com outros amigos, mais nos encontrávamos. A luta artística passava a estar, também para ele, misturada com a luta política. Formos realmente camaradas: do sonho político e do projecto dum arte que nada tinha a ver com a que os adversários nos atribuíam e talvez muito pouco com a que alguns companheiros teorizavam e faziam. Pomar dirigiu uma página de arte num vespertino do Porto, *A Tarde*, na qual, com outros jovens, defendeu uma estética intervencionista na luta sociopolítica, escreveu muito (e bem, com um nível cultural notável, muito acima do dos artistas plásticos do tempo) na *Seara Nova*, na *Vértice*, no *Mundo Literário*. Fez pinturas murais que a polícia mandou ocultar. Colaborou na organização das Exposições Gerais de Artes Plásticas e nelas sempre expôs: um dos quadros apreendidos em 47 era, evidentemente, seu. Teve actividade política clandestina e pertenceu à Comissão Central do MUD Juvenil. Esteve em Caxias.

Mas toda a sua ação política fez sempre pela arte. Não através da arte — que é uma maneira de dizer que reduz esta a meio precário que a compromete e serve a política, quando a serve, muito mal — mas pelas artes.

Não me lembro de alguma vez o encontrar sem ser com o lápis

ou os pincéis na mão. Trabalhava no atelier de segunda a sábado, como qualquer profissional. Os domingos passava-os em casa... Mas, se acaso tinha de ir bater à porta para qualquer tarefa urgente, era ainda de pincel na mão que o encontrava, a fazer aguarela, por exemplo, numa espécie de «repouso», de que salu, entre outras coisas notáveis, uma série de nus, vermelhos, tão ardentes e belos, que

pelos fins de 66, prosseguiam o que os primeiros deixavam prever a quem não fosse mope de todo: o trabalho aturado e inspirado, o escrupulo na execução e na descoberta que dela nasce, a ousadia da reviravolta coerente, o grande pintor que já definitivamente há muito era.

Foi no período do *Catch*, a seguir às corridas de cavalos, que se vendiam «bem de mais» e por isso interrompeu de chofre



Dois campinos, 1966-67. Óleo, 81 x 116

não voltei a ver (por onde andaram eles?).

Tudo isto até 52, data em que nos desencontramos por razões muito ligadas ao tal sonho e ao tal projecto comum, num desencontro que terá sido sobre tudo um equívoco ou um desajustamento de experiências e durou para cima de dez anos. Percursos de se levar a sério a vida, a arte e a luta nesse quartel que ambas implicam.

Entretanto, surgiu o *Ciclo do Arroz*, as *Mulheres na Lota*, a *Maria da Fonte*, as *tauromasquias*, o franzino Pomar lançara corpo, linham-lhe ido crescendo e embranquecer a barba rala e ganforista desgrenhada, forçando a trabalhar para Paris, acabámos por nos reencontrar em Lisboa, no terreno neutro dum embalhado, parece que tínhamos acompanhado de longe com interesse o que cada um continuava a fazer e as telas e desenhos que em Paris me mostrou.

EDIFÍCIO

VAGO perto da Avenida da Liberdade, com 50 divisões, tem grande quintal com frente para a rua que pode servir para nova construção, parque estacionamento, jardins etc. Óptimo para sede de empresa, creche, embalhada, escritórios etc. Só ao próprio. Carta Apartado 1.055, Lisboa - 1.

QUINTINHAS

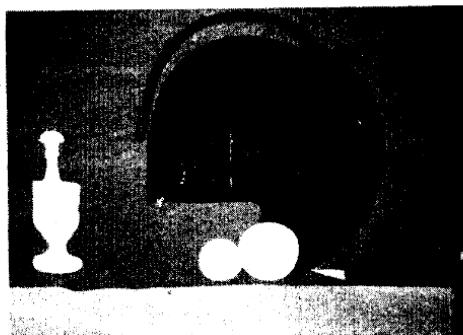
VENDO na Linha do Estoril e na Outra Banda, não têm casas, bosques para construir moradias, por roulotes e casas desmontáveis, aviário, etc. Telefone 549914, 14,30 às 15,30, sou próprio, faço escrituras.

talvez, mas sempre bem paciente.

É natural que grande parte do velho público (português) de Pomar, que conserva sobretudo na memória e no coração o *Almoço do Trolhão* ou o *Golo*, o *Ciclo do Arroz* ou *Maria da Fonte*, mesmo *O carro dos cómicos* ou as *tauromasquias*, fique algo reticente perante estas suas últimas fases.

Talvez não seja um público particularmente sensível ao prodigo de imaginação e execução que elas representam. Mas é meu dever confessar a esse público que, em 1949, um quadro como *Varinha comendo melâncolia*, a cuja execução em parte assisti, me surpreendeu profundamente e, para tudo dizer, me desagradou bastante. Não via então que aquela ousadia de desenho e de cor, aquele despojamento de tudo a que Pomar nos habituara, levasse a lado algum e parecia-me de uma gratuidade perfeitamente injustificada numa pessoa como ele. Nada fizera nunca de parecido até aí nem voltaria a fazê-lo durante muito tempo. Mas vinte anos depois vim a compreender que estava ali afinal um primíero sinal de qualquer coisa que se desenvolveria e adquiriria o seu sentido mais tarde. Um primíero assomo duma nova linguagem em gestação.

Quem poderá adivinhar o que Pomar (e ele menos que ninguém) virá a fazer amanhã? E que função terá — não deixarão de tê-la — todas estas obras de 77, que provocam hoje a admiração da gente do ofício e a surpresa pouco aderente de grande parte daqueles que o não são?



Natureza Morta (segundo Chardin). Acrílico, 97 x 130



A Escola de Siena, 1976-77. Colagem e acrílico, 81 x 100

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jornais e jornalistas do Algarve criam associação

Os jornais e jornalistas amadores do Algarve vão reunir-se numha associação que promove a defesa dos interesses sócioeconómicos dos primeiros e sócio-profissionais dos segundos — esta uma das conclusões a que chegaram os colaboradores dos órgãos da Imprensa Regional do Algarve, reunidos em Paderne (Albufeira), no segundo encontro da Imprensa Regional, desta feita promovido pelo jornal local «A Aveirense».

Participaram no encontro o director geral da Informação e o presidente da Câmara Municipal de Albufeira que representavam, respectivamente, o secretário de Estado da Comunicação Social e o governador civil de Faro.

O director geral da Informação, depois de realçar o papel da Informação Regional como porta-voz dos anseios das respectivas populações, e de referir que naquela Secretaria de Estado se faz uma triagem e encaminhamento aos departamentos governamentais visados de tudo o que os jornais locais veiculam a título de protestos, anseios e esperanças, prometeu transmitir ao secretário de Estado as queixas dos jornais algarvios.

Estas queixas, bem modestas segundo foi ali referido, prendem-se com a necessidade de que, com urgência, se encare o alargamento da isenção dos portes de correio para o estrangeiro e para as ilhas adjacentes e com o estudo da forma de fazer com que toda a publicidade governamental com interesse regional venha a ser publicada nos jornais locais.

Os jornais algarvios consideram ainda que o subsídio a conceder ao papel não deve incidir sobre a tiragem, mas em função do número de páginas emitidas.

CI PARA A RDP VISITA POSTOS EMISSORES

No prosseguimento da visita aos postos emissores da RDP-

radio, em reunião plenária do Conselho de Informação para a Radiodifusão Portuguesa, um grupo de trabalho deste Conselho deslocou-se às instalações da RDP em Faro e em Elvas.

Tal visita processou-se no âmbito das atribuições e competências do Conselho de Informação para aquela empresa pública de Comunicação Social, âmbito esse que preconiza «asegurar a independência, permanente e a Administração Pública, dos meios de Comunicação Social pertencentes ao Estado ou a entidades directa ou indirectamente sujeitas ao seu controlo económico.»

Ainda nesse âmbito, defende-se «uma orientação geral que respeite o pluralismo ideológico, possibilite a expressão e o confronto das diversas correntes de opinião, garanta o rigor e a objectividade da informação e impeça a apologia ou propaganda da ideologia fascista e quaisquer outras, igualmente contrárias às liberdades democráticas e à Constituição».

Felix Naggar (ex-FP) em Lisboa faleceu em Paris

O antigo director da Agência France-Presse em Lisboa, Felix Naggar, foi incinerado durante uma cerimónia íntima no cemitério do Père Lachaise.

Felix Naggar, que se tinha reformado há dois anos, havia começado a sua carreira de jornalista na France-Presse quando da criação da agência em 1944.

Política de A a Z

Continuação da pág. pág. 3

das Forças Armadas e à Revolução de Abril, como os de um lamentável discurso proferido, no dia 9 de Abril, em cerimónia oficial, e na presença de um membro do Governo ou a recente provocação do sr. Alberto João Jardim, que teve, aliás, o mérito de nos esclarecer quanto à qualidade da «salvação nacional» que está no pensamento do líder Sá Carneiro.

Repelido pelo Partido Socialista como parceiro de uma qualquer «salvação nacional», considerada a sua ação «desestabilizadora, irresponsável», não podemos deixar de recordar deste proposto salvador o que, de um outro, escreveu João Chagas:

«V. Ex.* não deixa por isso de ser um admirável instrumento de progresso. V. X.* não sabe o que faz, mas por isso mesmo é mais belo. V. Ex.* tem o tremendo poder das forças inconscientes. Não serve as instituições. Não serve o país. É um agente inesperado e misterioso e serve — o Destino».

O outro chamava-se João Franco. Não confundamos com Sidónio Pais. Ambos o Destino foi motivo.